EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

Órgão do Partido Operário Revolucionário

(11) 95446-2020

Nº 19 - 15/05/2025

77 anos da Nakba

Só o fim do capitalismo pode evitar a catástrofe de toda a humanidade. A luta pelo socialismo começa por combater e derrotar a burguesia imperialista. Os Estados Unidos e aliados são os principais responsáveis pelo genocídio do povo palestino. Unir os explorados do Oriente Médio para expulsar o Estado sionista da Faixa de Gaza e da Cisjordânia.

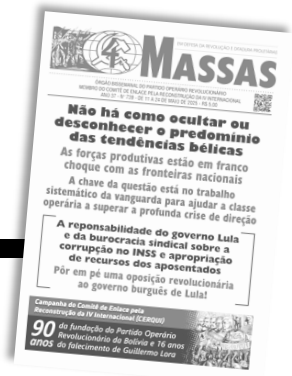
O dia 15 de maio marca a Nakba (catástrofe) palestina. São 77 anos desde a criação do Estado sionista de Israel, uma criação do imperialismo através da ONU. Contou inclusive com o apoio da URSS sob a direção stalinista. Na época, o imperialismo manobrou com a possibilidade de criação de dois Estados, o de Israel ao lado do Estado da Palestina. Coube ao tempo, desmascarar a manobra e o Estado da Palestina nunca saiu do papel.

Esse é o ponto alto de um processo muito mais longo, que remonta ao Império Otomano, seu enfraquecimento e, finalmente, destruição, no contexto da Primeira Guerra Mundial. Neste período, era o imperialismo inglês que exercia o domínio da região e pressionava para a criação do Estado judeu, sionista.

Desse período até a Segunda Guerra Mundial e posterior à criação do Estado de Israel, em 14 de maio de 1948, o domínio sobre a região passou da Inglaterra (Mandato britânico) para os Estados Unidos, e a ocupação por parte dos sionistas deu um enorme salto, de tal forma que a Nakba, propriamente dita, significou mais uma nova fase da catástrofe mais geral para os palestino do que o início dela. Apesar disso, não se pode desconsiderar que foi justamente com a criação de Israel que a ocupação e a anexação se tornaram mais evidentes e mais violentas. A guerra entre Israel e uma coalizão de 5 países árabes durou até o ano seguinte, sendo vencida por Israel, que se aproveitou da vitória para anexar mais de 40% do território destinado à Palestina. Estima-se que 400 vilas árabes foram destruídas e mais de 700 mil palestinos deixaram suas casa naquele momento, devido ao avanço das forças paramilitares e oficiais de Israel.

Seguiram-se anos de avanço das forças sionistas sobre as terras palestinas, promovendo um cerco à Faixa de Gaza e um semicerco à Cisjordânia. As guerras de 1967 e 1973 serviram, por um lado, para empurrar as fronteiras de Israel sobre o território palestino e, por outro, para condicionar os países árabes até então resistentes à ocupação. A maior parte deles, hoje, serve aos interesses do imperialismo. Os palestinos foram abandonados à própria sorte, ou melhor, aos cuidados da ONU, que não cumpriu a resolução de estabelecer o Estado palestino e, como órgão mundial do imperialismo, é responsável por não acabar com a matança na Faixa de Gaza. Os acordos de Oslo, em 1993, que requentaram a promessa dos dois Estados, se mostraram como uma enorme falsificação.

A raiz do problema está em que o Oriente Médio e a Palestina, em particular, estão assentados sobre um território rico em recursos naturais, especialmente o gás e o petróleo, mas também por constituir uma importante rota comercial para a Ásia, além do controle dos mares da região. Esse grande território do Oriente Médio, que, por condições históricas particulares, possui grande limitação no desenvolvimento de suas forças produtivas, fez parte dos espólios da Segunda Guerra Mundial, ou seja, fez parte da


MASSAS

Não há como ocultar ou desconhecer o predomínio das tendências bélicas

As forças produtivas estão em franco choque com as fronteiras nacionais

A chave da questão está no trabalho sistemático da vanguarda para ajudar a classe operária a superar a profunda crise de direção

A reponsabilidade do governo Lula e da burocracia sindical sobre a corrupção no INSS e apropriação de recursos dos aposentados

Pôr em pé uma oposição revolucionária ao governo burguês de Lula!

Campanha do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI)

90 anos da fundação do Partido Operário Revolucionário da Bolívia e 16 anos do falecimento de Guillermo Lora

Leiam e divulguem o Jornal Massas. É um jornal voltado à luta pela emancipação da classe operária e demais oprimidos da exploração capitalista. É um jornal do Partido Operário Revolucionário (POR) que luta pelo fim do capitalismo e pela construção da sociedade sem exploração do homem pelo homem, uma sociedade socialista. **O POR chama os trabalhadores a darem todo apoio ao Jornal Massas!**

partilha do mundo entre as potências vencedoras. Não foi por acaso que o Estado judeu foi criado artificialmente três anos depois do fim da guerra. Como se vê, a disputa sobre a região ultrapassa os limitados interesses religiosos e étnicos, que a grande mídia busca constantemente apresentar como problema.

A partilha do mundo da 2ª Guerra está esgotada. As potências se movimentam nitidamente por uma nova partilha. O investimento na indústria bélica tem crescido em todos os países imperialistas. Aqueles que tinham abandonado seus programas nucleares o retomaram recentemente. A guerra comercial dos EUA contra a China é o epicentro da crise mundial do capitalismo. O imperialismo estadunidense está em franca decomposição, e busca a todos custo manter seu poderio sobre os países atrasados, semicoloniais e sobre as potências menores da Europa. A queda da URSS, em 1991, fruto de um longo processo histórico assentado na traição do estalinismo à Revolução de 1917, representou um dos primeiros sinais do esgotamento da ordem Mundial do pós-guerra. A Rússia herdou o grosso do aparato militar e da estrutura econômica da URSS, e busca, por sua vez, manter seu controle regional sobre as ex-repúblicas soviéticas, tendo de enfrentar a ofensiva do imperialismo norte-americano e europeu. É neste contexto que se insere a atual guerra na Ucrânia e o genocídio na Faixa de Gaza.

Aí está o porquê da resposta política ao genocídio na Faixa de Gaza exigir uma resposta mais ampla ao capitalismo em decomposição, que arrasta a humanidade para a barbárie completa. A Nakba Palestina pode ser o prelúdio da Nakba de toda a humanidade. A concentração de riquezas atingiu um patamar nunca antes alcançado. No sentido oposto, a miséria, a fome, a violência estatal, a destruição dos direitos etc. são visível em todos os países, principalmente naqueles de capitalismo atrasado, como na América Latina, Ásia e África. Tudo está nas mãos do proletariado, a única classe que possui uma política coerente com a necessidade histórica de superação do capitalismo por um modo de produção superior, o socialismo, eliminando assim a ação sanguinária da burguesia internacional e de seus governos lacaios, em sua incessante busca pelo lucro.

O problema objetivo já indica sua própria solução, o capitalismo esgotado da fase imperialista prepara as condições para uma sociedade superior, socialista. O problema está, portanto, no obstáculo subjetivo, que são as direções políticas dos trabalhadores. A política de conciliação de classes, que desemboca no governismo, o abandono dos métodos da luta de classes, a ausência de uma política proletária, revolucionária, são travas que afastam as direções sindicais e populares dos trabalhadores.

No caso dos palestinos, pode-se dizer que podem contar com duas forças principais, os grupos armados que atuam no próprio território palestino e as mobilizações massivas que acontece mundo afora. Nenhuma delas, infelizmente, está sob uma direção revolucionária. Os grupos de resistência, sendo o principal deles o Hamas, têm feito uma resistência heroica diante dos ataques dos sionistas, além de ter de combater a Autoridade Palestina, que governa a Cisjordânia e trabalha pela derrota da resistência, em favor de um novo governo na Faixa de Gaza, alinhado aos interesses do imperialismo.

Neste campo da resistência direta, os palestinos também têm contado com o apoio de grupos externos como os Houthis. Já as mobilizações massivas que aconteceram em apoio aos palestinos e contra a ofensiva de Israel, oscilaram entre mostrar uma enorme força, colocando milhões nas ruas do mundo todo, ocupando universidades, bloqueando portos e aeroportos, e os refluxos, muitas vezes impulsionados por notícias de que algum organismo internacional, como a ONU, TPI etc., havia tomado essa ou aquela medida contra Israel.

O problema está em que as direções desses movimentos não se guiam pela independência de classe, subordinando assim a ação das massas às respostas da fração da burguesia que condena o genocídio. O resultado geral foi de que houve um refluxo geral nas mobilizações de rua e nas ações diretas justamente quando a matança sionista se tornou mais violenta.

Já são mais de 60 mil mortos na Faixa de Gaza, isso sem contar a sua notificação. Já se fala em números muito maiores. A maioria desses mártires é de mulheres e crianças. A destruição da já fraca estrutura industrial, hospitalar, educacional e habitacional chegou a um nível insuportável. O cessar-fogo representou um engodo imperialista. Netanyahu retomou o massacre com toda a força e recentemente tem dado declarações de que pretende ampliar a ofensiva e acabar de vez com o que resta de Gaza. Os 77 anos da Nakba estão marcados pela possibilidade de uma liquidação final do que resta da Palestina.

A tarefa da vanguarda com consciência de classe e dos trabalhadores que se solidarizam com a Palestina está em fortalecer a resistência, retomar o caminho das mobilizações massivas, rechaçar as respostas burguesas e não alimentar ilusões nos governos que só se colocam ao lado dos palestinos em palavras, como é o caso do governo Lula, que denunciou o genocídio, mas nunca tomou medida concreta para a suspensão das relações econômicas, militares e diplomáticas contra os genocidas.

A defesa da frente única anti-imperialista, formada a partir dos sindicatos e organizações de massa dos trabalhadores, com os métodos próprios da classe operária, deve ser o guia para retomar e fortalecer a luta contra a matança sionista. O programa da revolução proletária, que na Palestina tome a forma de uma República Socialista da Palestina, como parte de uma federação de Estados Socialistas do Oriente Médio, é a resposta proletária para o fim do massacre e caminho para uma Palestina verdadeiramente livre!

Pelo fim imediato da carnificina e do genocídio do povo palestino!

Fora o Estado sionista de Israel da Faixa de Gaza e da Cisjordânia!

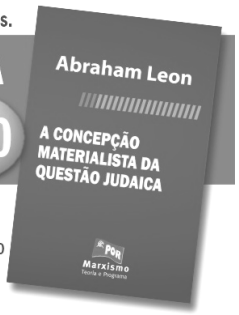
Derrotemos o domínio imperialista no Oriente Médio e no mundo!

Lutemos pela autodeterminação das nações oprimidas sob o programa da revolução social!

LANÇAMENTO! Adquira já com o distribuidor do Massas.

A CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA QUESTÃO JUDAICA

Abraham Leon

R$ 30

Um estudo profundo da história de opressão sofrida pelos judeus. O caráter programático da obra do judeu Abraham se verifica no fracasso histórico do sionismo, da luta palestina, da decomposição capitalista e da necessidade dos explorados retomarem o curso das revoluções socialistas, proletárias e internacionalistas.